

Derrota da MP assusta o mercado internacional

Para investidores, Governo terá problemas para cumprir metas estabelecidas no acordo com FMI, assinado no mesmo dia

Marcelo Aguiar

A derrota do Governo no Congresso assustou o mercado internacional. Bancos de investimento como o Goldman Sachs e o Deutsche Bank, entre os mais influentes do mundo, divulgaram relatórios pessimistas para seus clientes em todo o mundo sobre o tamanho do problema que o Congresso criou.

A derrota, dizem, indicou falta de senso de prioridade no Governo, séria divisão política interna, dificuldade para a execução do ajuste fiscal e, sobretudo, problemas para o cumprimento do acordo assinado no mesmo dia com o Fundo Monetário Internacional.

Governo não poderia escorregar neste momento

Com o título "Brasil: FMI dá sinal verde; Congresso, sinal vermelho", o principal relatório do Goldman Sachs no dia afirma que "um país que está somente recuperando a credibilidade e que tem duras metas em março a cumprir com o FMI não tinha margem para um escorregão como esse". Para o Goldman Sachs, o Governo parece ter perdido o "senso de urgência", deixando de lado a aprovação das reformas fiscais e se dedicando mais a sua agenda política interna.

O Deutsche Bank deu especial atenção à deslincência na votação dos representantes do Governo no Congresso. As medidas, segundo texto enviado para todo o mundo, pouco foram apresentadas no Congresso e os parlamentares mal chegaram a saber de que tratavam. "Apesar de acreditarmos que (o presidente Fernando Henrique) Cardoso poderia

ter conseguido aprovar as medidas se tivesse se aproximado de maneira mais ativa (do Congresso), isso não ocorreu", ressalta o relatório.

O mercado de capitais britânico também reagiu imediatamente. Ontem, os C-Bonds, títulos brasileiros com maior liquidez, caíram quase três pontos percentuais. De manhã eles abriram a 63,5% no mercado de eurobonds e bradias, mas no fim da tarde já haviam caído para 60,9%.

Peter West, economista-chefe do banco espanhol Bilbao Vizcaya, disse que isso implicará um maior controle, por parte do FMI, para que o Brasil encontre outros meios de cumprir suas metas de ajuste fiscal.

— O Governo está diante de uma guerra e não pode desistir. Esse foi o primeiro de uma série de problemas que enfrentará. Será uma longa batalha — afirmou.

Richard Gray, diretor de pesquisas financeiras para os mercados emergentes da América Latina do Bank of America, disse que a City de Londres acordou frustrada. Segundo ele, o Congresso deve mudar o direcionamento político que dá a importantes propostas como essas.

— Do contrário, as consequências negativas serão inevitáveis. Primeiro, é a moeda quem sofrerá. Segundo, ninguém garante que o FMI vai liberar o restante do dinheiro que emprestou ao Brasil. Terceiro, nós, investido-

res, vamos continuar vendendo os papéis brasileiros — alertou.

O economista Tom Trebat, diretor de pesquisas de mercados emergentes do Citicorp, acha que o Governo pecou pelo excesso de confiança na aprovação do ajuste fiscal e exagerou ao tentar aprovar agora medidas impopulares.

— O Governo agiu como o motorista que não usa o cinto e bate o carro. Por excesso de autoconfiança, não pensou no que podia acontecer de pior. Essa foi a única falha, porque o programa de ajuste é bom, mas vai custar caro a todo mundo porque todos os prazos foram dilatados: a recessão vai durar mais, os juros vão demorar mais a baixar e vai se prolongar a saída de capitais.

Segundo Trebat, todo mundo foi apanhado de surpresa. A previsão dos operadores era de alta dos títulos brasileiros em consequência da aprovação do pacote de ajuda do FMI, mas o que influenciou o mercado foi a derrota do Governo no Congresso, que fez cair a cotação dos C-bonds (papéis do Governo brasileiro) no mercado internacional.

— A tendência de hoje é de venda de papéis brasileiros, e não de compra — disse.

Para o diretor-gerente de investimentos do banco JP Morgan, José Luiz Daza, a votação de quarta-feira afeta a percepção dos investimentos em relação ao Brasil e passa a exigir muito mais do Governo no encaminhamento de ou-

tos itens do ajuste, como a votação da CPMF. Para ele, o Governo perdeu uma batalha, mas não a guerra, e a aprovação da CPMF será uma demonstração da capacidade de mudar o quadro.

Para o diretor de mercados emergentes do banco de investimentos Bear Stearns, Michael Pettis, a derrota do Governo decepciona, mas é um fato isolado, que não pode anular o contexto.

— Está claro para todos os investidores que as perspectivas para o Brasil vão se definir num prazo médio de seis meses, ao longo da implementação do ajuste. Não é fato isolado, num único dia, que vai fazer a confiança aumentar ou diminuir — afirmou.

Jornal da Argentina ressalta divisão na base do Governo

A decisão do Congresso aumentou na Argentina a desconfiança sobre a capacidade do Governo de reduzir o déficit fiscal e levou a Bolsa de Buenos Aires a despencar, fechando o dia com queda de 6,6%. Os principais bradias (títulos públicos negociados no mercado de Nova York) da Argentina também caíram, registrando desvalorizações entre 1,5% e 2,4%.

A medida repercutiu ainda na imprensa. O "El Cronista", um dos principais jornais econômicos, publicou o título "Pela primeira vez, o Congresso diz não ao ajuste de Cardoso" e afirmou que a derrota do Governo foi inesperada e provocada por uma divisão na base no Congresso. ■

COLABORARAM Cassia Maria Rodrigues (Londres), Amália Maranhão (Nova York) e Flávio Ribeiro de Castro (Buenos Aires)